

APRESENTAÇÃO

2020: um ano de grandes desafios e muita superação

2020: a year of great challenges and much overcoming

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

O ano de 2020 trouxe, em seu bojo, imensuráveis desafios a todos nós, atores sociais, inseridos nas mais diversas instituições, em distintos estados e países. A decisão – necessária e inarredável – de encerramento das atividades presenciais, em março, diante do surto sem precedentes da Covid-19, com a escalada exponencial dos casos de contaminação e os números assombrosos de vítimas fatais dessa doença, provocou ansiedades e demandou alterações de práticas a todos os setores da sociedade – a não serem as áreas e atividades econômicas tidas como essenciais, todas as demais se viram forçadas a interromperem suas ações.

Em artigo no qual reflete sobre o momento atual, Stefania Giannini, diretora-geral adjunta de Educação da UNESCO, afirma que, além de afetar a saúde (física e mental) dos humanos, a pandemia devastou a saúde econômica do planeta, afetando as condições de trabalho e subsistência de pessoas no mundo todo. Dessa forma, ao redesenhar o mapa econômico mundial, prenuncia severa crise econômica pós-isolamento: os impactos negativos se arrastarão ainda por longo tempo, deixando marcas na educação, na saúde e nas relações interpessoais, bem como nos vínculos comerciais e político-econômicos entre países. Para ela,

Nem todas as consequências da pandemia são tão visíveis. Medidas restritivas de isolamento, o fechamento de escolas e locais de trabalho e a perda de renda para muitas famílias tiveram e continuarão a ter impactos negativos significativos na educação, na saúde e no bem-estar. Infelizmente, um dos resultados mais palpáveis da COVID-19 é o abismo socioeconômico cada vez maior entre os estudantes, e as crianças mais vulneráveis são as que sofrem os maiores impactos. Mais de 365 milhões de crianças estão deixando de receber alimentação escolar, que as mantém saudáveis e motivadas a aprender. (GIANNINI, 2020, s/p.).

A mudança drástica nos paradigmas – de trabalho, de ensino e aprendizagem (mediados pela internet, em *home office / homeschooling*) fez emergir, mundo afora, a desigual condição de acesso

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas; Colaboradora do Programa de pós-graduação em Letras. Titular da Coordenação Setorial de Produção Acadêmica e Publicações da Proex PUC Minas. Editora de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão e da Revista do Instituto de Ciências Humanas. E-mail: evangela@pucminas.br.

dos cidadãos a bens de diversas naturezas – dos cruciais à sobrevivência física (alimentação, produtos de higiene e limpeza, *etc.*) aos necessários para a continuidade da aprendizagem.

No âmbito da educação, em todas as suas modalidades e redes (pública ou particular) – da educação infantil, passando pelas escolas do ensino fundamental e médio às universidades –, a urgência de se instaurar o regime remoto fez aflorar insegurança e muitos questionamentos; diante da percepção da dificuldade de lidar com novas mídias e tecnologias, muitos docentes tiveram de (re)aprender a aprender, e de fazê-lo às pressas, a fim de dominarem um mínimo necessário para continuarem “funcionais”. Por parte das famílias, também foram muitas as demandas a serem enfrentadas, conforme sintetiza a secretária da UNESCO:

A aprendizagem em casa, por si só, pode ser uma fonte de estresse para as famílias e os estudantes, pois força todos a assumir novas responsabilidades, às vezes, com tempo ou recursos limitados. Além disso, muitas crianças sofrem de ansiedade e não têm acesso à internet ou a outros meios necessários para se beneficiar do ensino à distância. Algumas crianças mais velhas ficam estressadas pelos meses passados sem aulas, pois precisam cuidar de crianças menores em casa enquanto seus pais ou responsáveis estão trabalhando. Os pais ou responsáveis que não possuem o mesmo nível de escolaridade, que não falam a língua principal do ensino no país, ou ainda que têm filhos com necessidades educacionais especiais, enfrentam desafios ainda mais complexos. (GIANNINI, *op.cit.*, s/p.).

Tudo isso, certamente, gerou estresse e ansiedade, muitas vezes num cenário de perda de emprego ou de renda para grande parte da população, mundialmente. E o que se viu, no Brasil, foi uma abissal diferença no enfrentamento dos obstáculos – sobretudo pelos dependentes da rede pública, que, em sua maioria, se viram alijados do processo de aprendizagem, e ainda se encontram à espera de um novo cenário, em que possam retornar às escolas e/ou universidades.

A pandemia salientou a centralidade da escola na vida da juventude, e, na impossibilidade de crianças e jovens as frequentarem, tem-se um fator de conflito social, um momento com várias demandas urgentes a fim de preservar a harmonia das relações sociais e o atendimento de direitos básicos de cada cidadão. No extremo, Giannini lembra, ainda, que

A falta de acesso às refeições escolares pode aumentar a perda de renda devido à crise e, para atender às suas necessidades, as famílias podem ser pressionadas a recorrer a meios negativos de enfrentamento, como o trabalho infantil ou a redução da quantidade e da qualidade das refeições, em um momento em que é essencial permanecer saudável e manter um sistema imunológico fortalecido. (...). (GIANNINI, *op.cit.*, s/p.).

Assim, vemos voltar à tona problemas que, nas últimas décadas, se não totalmente eliminados, bastante atenuados por meio de políticas públicas de redistribuição de renda e de inclusão dos cidadãos brasileiros, atualmente descontinuadas.

No âmbito da universidade, os impactos não foram (não têm sido) de menor intensidade. No nosso caso, na PUC Minas, as decisões tomadas a partir de um gabinete de enfrentamento da crise, nos deu um caminho institucional a seguir; não obstante, inúmeros questionamentos fizeram parte da rotina de cada profissional ou docente – inicialmente, perguntávamo-nos: Como levar à frente as atividades de ensino? De pesquisa? De Extensão? Em relação a esta última, como auxiliar a coconstrução de processos pelos beneficiários, a distância? Como docentes, como realizar o previsto em nossos PDI – planos de desenvolvimento (individuais e institucionais), num momento em que valores precisam ser redimensionados? Posteriormente, sanadas as dificuldades primeiras, os questionamentos se encaminharam a outra dimensão – como continuar fazendo nosso trabalho com a usual excelência de ação da qual não abrimos mão?

Sabemos – por experiência, não apenas por conjecturas – que uma mudança drástica como essa – de um padrão de funcionamento baseado em atividades presenciais para outro, ancorado em atividades remotas, com o uso de plataforma própria – constitui-se num desafio considerável. Felizmente, nesse sentido estávamos, na PUC Minas, numa situação mais confortável do que a de muitas Instituições de Ensino Superior (IES) Brasil afora; essa migração se mostrou viável, em tempo recorde; ainda assim, foi uma etapa custosa.

Esse processo, realizado com rapidez surpreendente (e parabéns à PUC Virtual por isso!), facultou a todos os estudantes e docentes a acessibilidade à plataforma, por um lado, descortinou desigualdades de condições e/ou de competências para o trabalho na modalidade *home office* e, por outro, de possibilidades de aprendizagem (muitos estudantes não dispunham – naquele momento, e ainda não dispõem – de rede internet suficiente, de equipamentos modernos o bastante, de locais apropriados para estudar). Assim, vimos nascerem situações em que aqueles que já dominavam ferramentas tecnológicas (docentes e discentes) passaram a auxiliar os demais colegas a superar inabilidades; em que os coordenadores passaram a monitorar os alunos, em busca de formas de auxiliar os que não dispunham de acesso à internet, mediando a relação professor-aluno da melhor forma possível; em que reuniões – das diversas coordenações – da graduação, da pós-graduação, da extensão – passaram a se realizar em ambiente virtual (e nisso aprendemos a lidar com *Zoom*, *Google Meet*, *Lifesize*, entre outros); e, em nossa condição de formadores, também fomos nos formando, num clima de acolhimento e afeto.

Como não poderia deixar de ser, além dos impactos nas pesquisas (alterações metodológicas, criação de novos instrumentos; reuniões *on-line* dos pesquisadores para discussão dos trabalhos e tomadas de decisão; apresentação de resultados a distância, *etc.*), muitas modificações se fizeram necessárias para a realização das modalidades de extensão. Estando na base das intervenções a necessária proximidade com a comunidade de beneficiários – fossem eles

quais fossem, e onde quer que estivessem –, as medidas restritivas impostas pelo isolamento social fragilizaram, ainda que provisoriamente, redes que há muito vinham sendo tecidas.

A exigência inexorável de continuarmos as atividades acadêmicas em todas as esferas – ensino, pesquisa e extensão –, nos demandou adaptações à nova realidade, à nova dinâmica, sem perdermos a excelência que norteiam nossas ações. E isso tudo num contexto bastante complexo, no qual a realidade político-econômica do país vem revelando crescentes dificuldades, por parte do governo federal, de apresentar um programa de gestão de crise capacitado a minimizar as temíveis consequências desse período de queda nas atividades econômicas e de estagnação de atividades produtivas, culturais, *etc.*

Dessa forma, do âmbito em que vivi essa mudança, creio que a experiência de migração de todas as atividades para o ambiente virtual representou como nunca a duplicidade do ideograma chinês que representa “crise” – dificuldades e oportunidades. Agarrando-nos às segundas, pudemos enfrentar as primeiras, e, acredito, chegamos ao final deste primeiro semestre mais fortes (possivelmente, também mais cansados pela quantidade de novidades, bem como pelas lamentáveis notícias que nos assombram a cada dia, referentes à pandemia e seus desdobramentos). De positivo, a convicção de que estamos atravessando da melhor forma possível esse período de extrema turbulência, de instabilidades em todas as dimensões da vida que nos permitiam almejar, planejar, executar e avaliar nossas ações pedagógicas, de pesquisa, de extensão.

Passados quase quatro meses de regime remoto, ao final deste semestre atípico, acredito que muito foi realizado. Continuamos avançando, inventando novos processos, adaptando outros, revisitando práticas, revendo metas e planos de ensino; nesse sentido, creio que nós, da Extensão PUC Minas, podemos nos sentir vitoriosos. Permanecer seguros e saudáveis, trabalhar a distância sem perder de vista o nosso norte, nossas metas (com algumas concessões, possivelmente) e sem perder de vista os liames (profissionais e afetivos) que fortalecem a Rede Proex nos dá um sabor de vitória, de vivência de novos valores. Como equipe, penso que a coesão entre cada nó da rede nunca foi tão firme – vi(vencia)mos a certeza de que somente com união poderíamos superar as dificuldades em que estávamos imersos.

Assim, este número de **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão** reveste-se de grande valor e significado. Fruto desse olhar consciente da relevância do que fazemos na Extensão, ele retrata um pouco das alternativas encontradas para superar a distância imposta pelo novo cenário: iniciamos com a entrevista, feita pela funcionária da Proex, Camila Mendes, a pessoas que atuam em três diferentes nichos de um mesmo projeto de extensão – “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”: a coordenadora do Projeto, prof.^a Karina Fideles Filgueiras, os extensionistas que integram a Comissão Científica - Ana Flávia Morais

Freitas, Iasmim Faria Nogueira, Júlia Lyssa Costa Machado, Marcella Moreno Pires Costa, Meylane Belchior de Sá Menezes e Natalia Oliveira Passos, e uma beneficiária, Petra Jacob Martini, que participa do Projeto desde 2018. Cada um, do nicho em que se situa, mas numa ação cooperativa, fala das mudanças metodológicas e avaliam as conquistas obtidas neste semestre que ora se encerra.

Para continuarmos a reflexão, com maior amplitude sobre as mudanças ocorridas na Extensão – na PUC e em outras IES –, o próximo volume trará um dossiê completo sobre os desafios e alternativas que o momento histórico demandou a atores que levam á frente a Extensão no país. Dessa forma, a entrevista tem um sabor especial, de já prenunciar o que teremos pela frente.

Na sequência, vêm quatro artigos, e cada um vai descortinando intervenções e descobertas, decorrentes da atuação em diversas modalidades de Extensão, por vezes em interface com a pesquisa.

No primeiro deles, “Educação tecnológica: o ensino da programação para crianças do ensino fundamental através do ambiente code.org”, o graduando Vinicius George dos Santos, do Curso de Engenharia de *Software*, e a professora Soraia Lúcia da Silva discutem a experiência de lecionar oficinas de introdução à programação e ao pensamento computacional utilizando um ambiente de programação chamado Code.org. Lidando com crianças de 6 a 9 anos, de uma escola pública mineira, falam sobre a adequação das atividades, o espaço de trabalho e as técnicas utilizadas. Além do conhecimento tecnológico, objetivavam desenvolver diversas habilidades nas crianças, como a atenção, coordenação motora, memória visual e espacial, organização, cooperação, desenvolvimento do raciocínio lógico, leitura e escrita. Ao término das atividades, foi realizada avaliação para mensurar os resultados qualitativos por gênero e série que permitiram dimensionar a experiência e a motivação dos alunos participantes.

Na sequência, em “O Direito e as redes sociais: o advento do *cyberbullying* e a violação dos direitos fundamentais pelos adolescentes”, as graduandas Loianne Amaral Campos Silva e Priscilla Teixeira da Silva, sob a supervisão do professor André Bragança Brant Vilanova, analisam em que medida o advento do *cyberbullying* tem contribuído para a violação dos direitos fundamentais por adolescentes. Partindo da conceituação, demonstram elementos envolvidos, bem como as consequências biopsíquicas e jurídicas tanto para o agressor quanto para a vítima. Concluem, ao final, que a sociedade em geral, bem como a família e a escola devem criar diretrizes para coibir a prática do *cyberbullying*.

No terceiro artigo, intitulado “Projeto de Extensão ‘Casa da Paz: dignidade e acesso à justiça’ e o bem comum”, a discente Sabrina Sílvia da Silva Diniz, em parceria com as professoras

Fernanda Paula Diniz e Simone Reissinger, apresenta os objetivos que as movem – o atendimento jurídico às pessoas em estado de vulnerabilidade social e a tentativa de resolução extrajudicial das suas demandas. Considerando-se o alto índice de carência da população do Município de Contagem/MG, quanto aos instrumentos de acesso à Justiça, este projeto extensionista se mostra relevante para assegurar direitos e garantias fundamentais de direitos, por meio das informações prestadas e pelas mediações realizadas no Posto de Atendimento Pré-Processual do Centro Judicial de Solução de Conflitos e Cidadania - CEJUSC. Demonstram como as intervenções do projeto contribuem para a promoção do bem comum (valorização dos beneficiários), e também para a formação profissional e humanista dos extensionistas.

No quarto artigo, “Postura inadequada em acadêmicos de Medicina e a presença de lombalgia”, os estudantes de Medicina (PUC Betim) Ana Miranda Abi-Ackel e Artur Ferri Leite Storino, sob a orientação do professor Dr. Lúcio Honório de Carvalho Júnior (disciplina Técnica Cirúrgica, Curso de Medicina PUC Betim), e tendo como coorientadores os doutores Eduardo Frois Temponi e Lincoln Paiva Costa, ambos ortopedistas do Hospital Madre Teresa, realizam importante pesquisa (financiada pela FAPEMIG e com bolsa do PROBIC vinculada à PUC Minas), em que estudantes do próprio curso participaram como respondentes. O presente estudo se mostrou significativo por demonstrar que alguns hábitos deletérios dos estudantes (diretamente, os da Medicina, cuja carga horária é maior e o peso dos livros didáticos é elevado, mas extensivamente, qualquer graduando com os mesmos fatores de risco), no que tange a posturas inadequadas, relaciona-se diretamente com a presença de lombalgias. Os achados também são aplicáveis em trabalhos de prevenção das posturas inadequadas tanto intramuros quando fora da universidade.

Na sequência, vêm os quatro relatos reflexivos de experiência, com relevantes trabalhos, nos quais se discutem princípios epistemológicos e metodológicos, além dos resultados tanto para os beneficiários quanto para os extensionistas.

No primeiro relato, “Gestão tributária e a Prática Extensionista na formação do Bacharel em Ciências Contábeis EAD”, os professores Alex Magno Diamante e Josmária Lima Ribeiro de Oliveira discutem as complexidades da “malha tributária brasileira”, o que vem justificando progressivas incursões no avanço tecnológico para o registro das obrigações pelas empresas e pelas pessoas físicas. Docentes do Curso de Ciências Contábeis EAD, no intuito de promover a formação do profissional para a atuação neste mercado competitivo, vêm adotando a prática extensionista ora relatada há alguns semestres, cujos resultados evidenciam ser ela relevante à formação discente, à Universidade e à sociedade, visto que fomenta a interação com o mercado e com a sociedade, para a propagação das informações tributárias.

No segundo trabalho, “Saúde vocal e prevenção de disfonia infantil em instituição social”, Germanna C. P. Rezende e Ana Luiza P. Mascarenhas, graduandas em Fonoaudiologia, sob a supervisão da professora Ana Teresa Brandão de Oliveira e Britto, relatam, de forma didática e reflexiva, a prática de extensão realizada, com objetivo de promover conscientização sobre saúde vocal e atuar na prevenção de disfonia infantil. Tendo encontrado, numa instituição escolar infantil, número de crianças disfônicas em porcentagem superior ao usual, propuseram atividades e acompanharam o resultado das intervenções. Paralelamente, orientaram as docentes sobre como realizarem o uso correto da própria voz e como lidarem com as crianças que apresentavam problemas, a partir do desenvolvimento e manutenção de hábitos vocais saudáveis. Concluíram que “a intervenção em escolas pode ser um importante meio de disseminação de informação e um aliado à atuação fonoaudiológica pelo potencial suporte dos profissionais envolvidos como mantenedores de atenção aos aspectos que necessitem de encaminhamento”.

Em diálogo com o precedente, o terceiro relato, intitulado “Acompanhamento fonoaudiológico da criança de risco – uma experiência de extensão universitária”, das autoras Danielle Diniz de Paula, Andrezza Gonzalez Escarce, Maisa Alves Teixeira, Micaela Geane Santos Lima, Nathália Stefanny O. Gomes e Stella Maris A. Lemos, todas do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), reportam a grande importância das atividades extensionistas por elas realizadas, como forma de fortalecer a relação Universidade e Comunidade. Elas apresentam as intervenções do projeto de extensão “Ambulatório da Criança de Risco - ACRIAR”, o qual promove ao estudante aprendizado e capacitação profissional, viabilizando a inserção precoce na atuação clínica. Neste projeto, são atendidos recém-nascidos pré-termo, com baixo peso e/ou idade gestacional inferior a 34 semanas, cujo acompanhamento ocorre até os sete anos de idade por uma equipe multiprofissional. A coleta dos dados deste estudo ocorreu no período de novembro de 2017 a junho de 2018, nos atendimentos às crianças no ACRIAR (357 crianças para o acompanhamento fonoaudiológico, em várias etapas – anamnese; avaliação do desenvolvimento da linguagem; acompanhamento e avaliação auditiva; orientações aos cuidadores sobre o desenvolvimento da linguagem e audição da criança; realização de encaminhamentos e agendamento para nova consulta). A experiência no projeto de extensão ACRIAR possibilita a detecção e a intervenção precoces em possíveis distúrbios fonoaudiológicos, principalmente nos relacionados ao desenvolvimento da linguagem.

No quarto relato, “A importância do Projeto PUC Mais Idade na qualidade de vida de idosos participantes”, os extensionistas Carlos M. Hübner Cançado Santana, Dayane J. R. Silva, Maria Clara B. V. Amorim, Agatha Christine F. da Cruz, Mariana P. C. Souza Carmo, Nayara G. Martins e a professora Sabrina Oliveira Viana Balbi refletem sobre essa experiência interdisciplinar, que

envolve extensionistas dos cursos de Fisioterapia, Medicina, Psicologia e Biomedicina da PUC Minas em Betim. As oficinas, que envolvem uso de metodologias ativas, constituem espaços para a construção coletiva do conhecimento, fundamental na promoção do raciocínio crítico e analítico dos idosos. Trabalhando a saúde por meio de um modelo dialógico, o projeto PUC Mais Idade fomenta a troca de experiências, a ressignificação de experiências anteriores e o bem-estar para 50 participantes ativos (e outros que já passaram pelo projeto), visando à manutenção da autonomia dos idosos e melhoras em sua qualidade de vida. Trata-se de projeto cujos resultados são positivos para os beneficiários, para a sociedade e, sem dúvida, para os extensionistas participantes.

A extensão, certamente, é um espaço especialmente configurado para os encontros, para a inovação, para a busca da qualidade de vida, num patamar de maior justiça e igualdade. Por isso, alegra-nos perceber, tomando emprestadas as belas palavras com que o autor mineiro Fernando Sabino aludiu a diferente contexto, que este tem sido um momento no qual

“De tudo ficaram três coisas... A certeza de que estamos começando... A certeza de que é preciso continuar... A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar... Façamos da interrupção um caminho novo... Da queda, um passo de dança... Do sonho, uma ponte... Da procura, um encontro!” (SABINO, 2009, s./p.).

Uma ótima leitura a todos! Que o diálogo suscitado por esses trabalhos aqui apresentados nos fortaleça para os próximos embates que virão...

REFERÊNCIAS

GIANNINI, Stefania. “Priorizar a saúde e o bem-estar agora e quando as escolas reabrirem”. Portal da UNESCO, 30 abr. 2020. Disponível em: < <https://pt.unesco.org/news/priorizar-saude-e-o-bem-estar-agora-e-quando-escolas-reabrirem>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

SABINO, Fernando. Encontro Marcado. 95 ed. São Paulo: Record, 2009.